

T 0231

SIST. S9332  
REV. Cui 276

03a 0002-46

1. Reynaldo Moura
2. Meio de Semana
3. Correio do Povo
4. Crônica sobre John dos Passos e seu novo estilo de escrever
5. Porto Alegre
6. 22 de Dezembro de 1949
7. número 69
8. Seção - Arte e Literatura
9. Bom
10. Amélia Ester
11. 9 de Maio de 1994

## MEIO DE SEMANA

(Especial para o "CORREIO DO POVO")

Reynaldo Moura

Quando apareceu John dos Passos com a sua maneira literária personalíssima, a princípio apenas nas rodas de leitores mais atrevidos sua obra ainda incipiente encontrava ressonância, e demorava em admirar um tanto espantada. Começava a invadir o mundo do romance moderno, e sua presença ainda constituía motivo de discussão, de incompreensão ou de fervor exagerado. Duas tendências se defrontavam nesse pretexto para manifestações de antagonismos, dois mundos emergiam de sua cotidiana tranquilidade ao toque de buzina imprevisto desse audacioso inovador literário. O equilíbrio do espírito conservador, que via nesses ensaios de ficção desordenada um pouco da loucura gratuita que animava aqueles tempos de experiências audaciosas: e a mobilidade da alma moderna que se encontrava realmente nessas páginas na reprodução, mas de aparência absurda, de seus próprios estados e de seu ambiente cósmico. Propriamente, John dos Passos não era para ler como se lê uma novela de Balzac, não era para provocar o interesse do leitor comum que exige o equilíbrio do enredo, a história conyada como era uma vez, a cada personagem bem direitinho e bem posto no seu lugar ao longo do romance, como se esse fosse extraído da realidade e passasse a existir de uma vida obscura e fantomática como teatro.

Afinal, não faz tanto tempo que o escritor americano apareceu em plena maioria intelectual, pretendendo correr mundo com as suas primeiras mensagens, com a invenção de sua arte que vinha para renovar e espantar. E já agora, não se limita mais apenas ao círculo restrito dos leitores escolhidos, a existência de suas novelas que

apanham de maneira nova a vida dos homens e das cidades dos Estados Unidos. A estranha maneira de escrever que ele inventou, já atravessou o oceano, e na França, o próprio Sartre que vem confessar sua filiação ao estilo de vida novelesca criado por Dos Passos. Em cada balcão de livraria, aquilo que antes era tão raro e só por acaso poderia ser encontrado, o livro do americano de descendência lusa, agora a qualquer momento pode ser adquirido, como qualquer romance desses que não exigem do leitor uma preparação para entrar em caminho inesperado. Esse mesmo Dos Passos que intercala entre os trechos de sua prosa palpitante como as ruas de Nova York, poemas de versos soltos que continuam e prolongam pelo mundo mais veloz e mais fácil, que, o da poesia, os dramas de amor, de miséria e de morte que vinham se desenrolando pelo clima urbano do romance, em cortes de vida fotográficos como detalhes de cinema.

Naturalmente o espírito humano já se habituou ao método diferente desse inovador. E, com essa satisfação íntima dos que antes já o admiravam ocultamente, talvez com medo de se manifestarem diante da opinião geral comumente obtusa, que hoje a gente encontra na banalidade de qualquer publicação o interesse sério e profundo, por esse autor que tem sido interpretado com a roupa nova de cada língua, em quase todos os idiomas civilizados.